

GT05: Antropologia da Economia

Arlei Damo, Gustavo Onto

A tematização da "economia", incluindo-se o debate sobre o significado do termo, tem adquirido notoriedade na antropologia contemporânea, com a realização de teses, grupos de pesquisa, eventos e publicações. Desde o nascimento da disciplina, os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, bem como as formas de valoração e de provimento das condições materiais da vida, foram descritos pelas etnografias. Tais produções geraram debates acerca do lugar da economia nas sociedades, uma vez que as investigações antropológicas, realizadas junto a comunidades distantes, ofereciam novas questões e por vezes contrapontos às teorias econômicas produzidas na sociedade de origem da antropologia enquanto disciplina. Nas últimas décadas houve uma renovação deste debate, acompanhando a expansão capitalista dos intercâmbios de pessoas, mercadorias, ideias e infraestruturas. A Antropologia da Economia vem ganhando espaço no Brasil e a procura pelo GT nas RBAs de 2018 e 2020 são prova disso. O objetivo do GT é continuar o fomento do diálogo entre pesquisadores e explorar etnograficamente a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite, com suas ambiguidades e fluxos que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico com outras esferas tais como: as práticas familiares, o meio ambiente, as religiões, as artes, a religião, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Casas, dinheiro e parentesco entre famílias não assalariadas

Autoria: Daniela Ramos Petti

O presente trabalho aborda a coprodução da casa e do parentesco (Carsten, 2018) a partir da análise das relações entre as obrigações sociais e financeiras (James, 2014) entre famílias não assalariadas. As qualidades sociais do dinheiro, bem como suas temporalidades tornam-se objeto privilegiado da reflexão. Esse tema será tratado a partir do ponto de vista de Clara, minha principal interlocutora de pesquisa, com quem coabito há 8 meses com vistas à realização de trabalho de campo. Nesse texto, realizo um primeiro esforço de análise de uma pequena parte de minhas notas de campo, a fim de investigar as formas de solidariedade que constituem as casas (Douglas, 1991) não assalariadas, bem como as tensões e conflitos que atravessam a vivência do parentesco. Esses processos de produção de relacionalidades são, fortemente, marcados por fluxos monetários que revestem as casas e as pessoas de moralidades e significados sociais simbolicamente densos. Para grupos sociais não assalariados, o dinheiro se torna um elemento central que estrutura as relações, tanto na família, como na vizinhança. Assim como em outros contextos e territórios, quanto mais a falta de dinheiro se apresenta como um problema social, maior relevância ele ganha nas narrativas, práticas e modos de circulação locais (Neiburg, 2019). O dinheiro, enquanto elemento central da vida social no capitalismo, intermedia diferentes tipos de relações de proximidade em comunidades. É protagonista nas dinâmicas de parentesco, ao estar no cerne dos conflitos familiares, por um lado, e das ajudas entre parentes que coabitam ou habitam casas em configuração. Assim como costura relações, o dinheiro também as desgasta e deteriora. As relações de vicinalidade fazem circular não apenas serviços e objetos, como também quantias em dinheiro. O dinheiro é uma infraestrutura da existência coletiva (Hart, 2007. p.15) que, ao interconectar casas e pessoas, produz relações sociais marcadas por papéis de gênero e outras relações de poder estruturadas por diferenças (Zelizer, 1999). À medida em que o dinheiro circula, essas relações são atualizadas. Como as obrigações relativas ao parentesco se traduzem em obrigações financeiras? Como o dinheiro participa dos processos de produção das relacionalidades? Como o parentesco é vivido nas dinâmicas de configuração de casas (Marcelin, 1999; Motta, 2014)? O objetivo do texto é refletir

sobre as relações entre casas, dinheiro e parentesco de um ponto de vista etnográfico. Além de suas temporalidades serem objeto de técnicas de gestão doméstica, o dinheiro aparece como mediador da coprodução da casa e do parentesco e, ao mesmo tempo, como um fator da produção das tensões, suspeições e desconfianças que se incorporam à experiência cotidiana das relações de proximidade.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

